

DEBBIE MACOMBER

LAÇOS DE VIDA

Tradução de Clara Caldeira

Capítulo 1

Era isso mesmo. Só podia ser isso.

No momento em que Libby Morgan ouviu a assistente dizer-lhe «Hershel pede-lhe que vá ao gabinete dele», soube que alguma coisa se passava. Ah, tinham circulado rumores no escritório sobre despedimentos e reformas antecipadas. Estes boatos só vinham confirmar aquilo que ela pressentia que Hershel lhe iria comunicar. Esperava por aquele momento há seis longos anos.

Libby sempre se perguntara como se iria sentir quando finalmente recebesse a notícia. Desejava agarrar-se a esta sensação de expectativa feliz o máximo que pudesse. Olhando para trás, deve ter intuído que algo iria acontecer, porque vestira o seu melhor fato saia-casaco às riscas, optando por uma saia travada em vez das calças informais. Felizmente, tinha marcado cabeleireiro no dia anterior. Já deveria ter cortado o cabelo há muito, mas, vendo agora como lhe ficava bem, sentiu que valia cada cêntimo dos cem dólares que Jaques lhe cobrara. Um bom corte de cabelo fazia maravilhas ao seu aspeto. Usava-o agora castanho-escuro com risco ao meio, mais curto na nuca, com as pontas longas junto à linha do rosto enroladas em torno do queixo. Jacques referira várias vezes a sorte que ela tinha por ter um cabelo tão volumoso. Não achava ter a mesma sorte quando ele lhe sugeriu que depilasse as sobrancelhas. Mas tinha razão: ficava bem assim. Delicada. Profissional. Prometeu a si mesma não deixar passar tanto tempo entre idas ao cabeleireiro.

Libby não se considerava uma beldade. Demasiado realista e sensata por natureza, estava bem consciente dos seus defeitos físicos.

Na melhor das hipóteses, podia ser engraçada, ou pelo menos fora isso mesmo que dissera o ex-marido Joe. Tinha consciência de que era apenas banal. Altura mediana, peso regular; cabelo e olhos castanhos, sem características extraordinárias. Porém, no íntimo era um dínamo. Dedicada, trabalhadora, ambiciosa. O estofo ideal para uma sócia.

Pegou no bloco de notas de folhas amarelas e dirigiu-se para o opulento gabinete da direção. Aparentemente mantinha-se calma e composta, mas sentia o coração acelerado e a cabeça a girar.

Finalmente. Finalmente estava prestes a ser recompensada pelas escolhas difíceis e pelos sacrifícios que tinha feito.

Libby estava no sexto ano de um percurso de oito para se tornar sócia. Com sorte, encontrava-se na iminência de atingir o objetivo em que apostara apaixonadamente desde o primeiro minuto em que fora contratada como advogada associada do departamento de Fundos e Património da Burkhart, Smith & Crandall, uma importante e onerosa firma de advogados, com sede em Seattle. Ia tornar-se sócia, antes ainda do que previra.

Embora não quisesse parecer demasiado confiante, estava subentendido que ninguém o merecia mais do que ela. Libby trabalhara mais, durante mais tempo e com melhores resultados do que qualquer outro advogado contratado pela empresa. A sua competência legal também não passara despercebida no complexo projeto de gestão patrimonial de Martha Reed. Libby tinha um grande número de horas faturadas e essa velha senhora desenvolvera uma preferência por ela. Nos últimos dois meses, dois sócios haviam passado pelo seu gabinete para lhe elogiarem o trabalho.

Libby quase que sentia a mãe a olhá-la do céu, sorridente e orgulhosa. Molly Jo Morgan morrera de cancro da mama quando Libby tinha treze anos. Antes de morrer, a mãe pegara-lhe na mão e dissera-lhe para trabalhar arduamente e nunca ter medo de perseguir os seus objetivos. Aconselhara Libby a sonhar alto e avisara-a de que existiriam escolhas dolorosas e sacrifícios ao longo do caminho.

Esse último verão da vida da mãe marcou o percurso de Libby. Desejava deixar a mãe orgulhosa, embora ela não viesse a assistir

aos seus sucessos. Hoje, estava certa, era um daqueles momentos de «Vê, mãe? Olha para mim!».

Muito cedo na escola secundária, Libby definiu como objetivo vir a tornar-se advogada. Era presidente do Clube de Debate e conhecida por apresentar bons argumentos, qualquer que fosse o lado da discussão. Alcançar o seu objetivo não fora fácil. A bolsa de estudos na universidade ajudara, mas as despesas eram muitas e o dinheiro pouco. Como complemento, trabalhou como empregada de mesa e fez bons amigos. Quando já estava avançada nos estudos de Direito, arranjou trabalho como jurista na zona de Seattle.

O seu percurso profissional sofreu um pequeno desvio quando se casou com Joe Wilson. Joe trabalhava como cozinheiro e conheceram-se no restaurante onde ela servia à mesa. Quando se mudou de Spokane, ele acompanhou-a de bom grado para a zona de Seattle e arranjou rapidamente emprego num restaurante barato. Era o rapaz mais simpático do mundo, mas o casamento deles estava condenado desde o primeiro dia. Joe contentava-se com o que tinha, ao passo que Libby tinha ambição de ser muito mais. O ponto decisivo ocorreu quando o marido quis que ela fizesse uma pausa na carreira para constituírem família. Joe queria ter filhos e Libby também, mas não podia correr o risco de ser arrumada na «prateleira das mães» no escritório. Pediu-lhe que fosse paciente, que esperasse mais dois anos. Na verdade, nem seria preciso tanto tempo. Mal se afirmasse no escritório, isso deixaria de ter tanta importância. Mas Joe estava impaciente. Receava que, depois daqueles dois anos, ela quisesse mais um e depois outro. Nada do que então dissera o convencera do contrário.

Hershel levantou a cabeça quando ela entrou no gabinete. Não estava sorridente, mas isso era normal.

– Sente-se, Libby – pediu-lhe, apontando para a cadeira do outro lado da secretária.

Um dia, o seu gabinete teria este aspeto, pensou Libby, com confortáveis cadeirões de pele com ar antigo, estantes enceradas e um globo terrestre. Fotografias da mulher de Hershel e dos filhos contemplavam-na do aparador atrás da secretária. A fotografia dele num barco perturbava-a sempre. Hershel encarava a objetiva, o

cabelo revoltado pelo vento, o barco à vela a cortar as ondas do Pacífico num dia cristalino, com o céu tão azul como as águas das Caraíbas. O barco rasava de tal forma o limite da água que ela sustinha a respiração com medo de que a embarcação se virasse por completo.

A fotografia era inspiradora para Libby, porque lhe provava que um dia, como sócia, também ela teria férias e desfrutaria da vida longe do escritório. Contudo, para o conseguir, o seu único foco teria de ser o compromisso com a empresa, com os clientes e com o trabalho.

Sentou-se descontraída na cadeira que Hershel lhe indicara, cruzando as pernas. Estava a par das intenções da direção. O que a surpreendeu foi a expressão evidente de grande desassossego estampada no rosto dele. Era típico de Hershel fazer este anúncio de forma circunspecta.

– Interessei-me pessoalmente pelo seu caso desde o dia em que foi contratada para este escritório – disse, pousando a caneta na secretária. Deteve-se algum tempo para se certificar de que esta ficava perfeitamente alinhada.

– Sei disso e estou-lhe grata. – Libby recostou-se no confortável estofado. – Têm sido seis anos maravilhosos. Tenho trabalhado arduamente e sinto que sou uma mais-valia para a empresa.

– Tem feito um excelente trabalho.

Libby resistiu ao impulso de o lembrar das muitas horas faturadas que acrescentara a vários processos.

– É uma colaboradora esforçada e uma excelente advogada.

Libby permitiu-se um momento para saborear aquelas palavras. Hershel não era uma pessoa dada a grandes elogios.

– Obrigada. – Endireitou-se na cadeira, antecipando o que poderia acontecer. Primeiro, ele iria sorrir e anunciaria que, depois de discutido o assunto com os outros sócios, gostariam de...

A sua projeção foi interrompida por Hershel, que prosseguiu o discurso, dizendo:

– Estou certo de que está a par do desafio que os últimos seis meses têm representado para a empresa... – Assestou os olhos nela e Libby viu neles tristeza e preocupação, à medida que aquelas

sobrancelhas grossas se juntavam, franzindo-se. – Tivemos um decréscimo significativo nos lucros devido à recessão.

Uma sensação de formigueiro começou a insinuar-se-lhe na base do pescoço. Aquela conversa não estava a seguir o rumo que antecipara.

– Eu, decerto, fiz a minha parte – sentiu-se obrigada a lembrá-lo. Mais do que qualquer outro advogado da equipa, especialmente Ben Holmes, pensou, mas não disse. Às seis da tarde, pontualmente, Ben saía do escritório.

Hershel pegou na caneta que pousara com tanto cuidado sobre a mesa instantes antes e segurou-a entre as palmas das mãos.

– Cumpru uma parte substancial e esse é um dos motivos que tornam esta decisão particularmente difícil.

– Decisão? – repetiu ela, enquanto uma sensação de pavor dominava qualquer entusiasmo sentido antes.

– O problema é que a Libby não «engrossou o caudal» – declarou ele. – Não trouxe nenhum grande cliente para a empresa.

Encontrar potenciais clientes era quase impossível, tendo em conta as horas que trabalhava. Libby tentara estar presente em encontros sociais, mas não era especialmente dotada para as relações públicas. Sentia-se inconveniente quando se metia em conversas alheias ou iniciava um diálogo. Com pouco assunto além do trabalho, achava-se inapta e desastrada. Nem sempre fora tão tímida, tão titubeante.

– Hershel – começou ela, verbalizando a sua suspeita, o seu maior medo. – O que me está a tentar dizer? Não me está a despedir, pois não? – Solto uma gargalhada incrédula.

O sócio sénior suspirou lentamente e fez um sinal com a cabeça.

– Não consigo expressar-lhe o quanto lamento ter de fazer isto. Não é a única. Vamos dispensar cinco pessoas. Como pode imaginar, não foi uma decisão fácil.

A primeira preocupação de Libby foi com a sua assistente.

– Sarah?

– Ela está bem. O contrato será renovado.

O coração de Libby esmoreceu.

– Oferecemos-lhe uma indemnização generosa. – Hershel

entrou em pormenores, mas Libby ficou gelada, atordoada, incapaz de acreditar que aquilo estava mesmo a acontecer. Pessoas com quem tinha trabalhado, pessoas que conhecia, estavam a perder os empregos. *Ela* estava a perder o emprego. Porque não se apercebera disso? Detestava pensar que estava tão desligada da realidade que não se tinha dado conta de nada.

– Se me é permitido, gostava de lhe dar também um conselho, Libby.

O choque ainda não lhe passara e, porque tinha a garganta seca, não respondeu. Só conseguiu ficar a olhar para ele, aterrada, descrente, completamente abalada.

– Não quero que pense nisto como um fim. É um novo começo para si. Uma das razões por que me interessei pessoalmente pelo seu caso tem a ver com o facto de a Libby me recordar eu próprio há uns anos. Também sentia necessidade de me afirmar. Também investi em tornar-me sócio em detrimento de tudo o resto, tal como a vi fazer. Perdi a infância dos meus filhos. Quando estavam no secundário, continuavam estranhos aos meus olhos. Felizmente, consegui compensar o tempo perdido. O que lhe quero dizer é que eu sacrifiquei mais do que era razoável e vejo-a cometer os mesmos erros.

Libby tentou concentrar-se, mas não conseguia superar o facto de estar subitamente desempregada. Pestanejou várias vezes, procurando compreender o que se estava a passar. Não ajudou. O nó no estômago apertava-se.

– Espero – continuou Hershel – que aproveite este tempo para encontrar mais equilíbrio na vida. A partir de agora.

– Desculpe? – perguntou ela, encarando-o e pestanejando nervosamente. Uma parte daquele seu entorpecimento começara a dissipar-se. Só conseguia pensar que entregara a vida, o casamento, tudo o que lhe pertencia, àquela empresa e que eles estavam prestes a empurrá-la porta fora.

– Quero que goze a vida – sublinhou Hershel. – Uma vida verdadeira, com amigos e interesses fora do escritório. Há um mundo inteiro à sua espera!

Libby continuava a fitá-lo. Será que Hershel não compreendia?

Ela tinha uma vida, e essa vida estava naquela empresa. Era apaixonada pelo seu trabalho e agora arrancavam-lho das mãos.

– Quem vai trabalhar com a Martha Reed? – perguntou. Com certeza aquilo não passava de um enorme engano. Martha Reed era uma das clientes mais importantes do escritório e gostava de colaborar com ela.

– Libby, não me está a ouvir. A decisão já foi tomada. A empresa está a ser mais do que generosa.

– Generosa... – repetiu, soltando uma gargalhada sem energia. A raiva dominou-a, e ela pôs-se de pé. O bloco caiu discretamente no chão quando apertou as mãos junto ao tronco. – Esta é uma decisão indigna de si, Hershel. Está a cometer um erro. Pensei que me defendia... – Sentia o calor abrasar-lhe o pescoço e subir-lhe às faces. Apertou os lábios com força. Era inútil discutir: como ele dissera, a decisão já fora tomada; mas, por tudo o que era mais sagrado, queria deixar-lhe bem claro que não aceitaria a situação de ânimo leve. Espetando um dedo acusador na secretária, olhou-o de forma dura e frontal e declarou:

– Espero que saiba que ainda hoje vou arranjar outro emprego.

– Para o seu bem, espero que não, mas se for esse o caso... assim seja.

– Vai arrepender-se disto, Hershel. Dei-lhe a si e a esta empresa *tudo*. – Sem se dar ao trabalho de procurar novos argumentos, deu meia-volta e saiu do gabinete de forma intempestiva.

Com o coração acelerado, Libby aproximou-se do seu pequeno gabinete. Quando Sarah a viu, estacou de repente, os grandes olhos castanhos e expectantes fixos nela.

– Então? – perguntou Sarah.

– Fui... fui despedida.

Caiu-lhe o queixo.

– Está a brincar?

Um segurança aproximou-se do gabinete e ficou junto à porta, a observá-la enquanto ela arrumava as suas coisas. Libby abriu uma gaveta com estertor e começou a despejar o conteúdo para a secretária.

– Parece-te que estou a brincar?

Sarah estava tão atordoadada quanto Libby instantes antes.

– Mas porquê?

– Pergunte ao Hershel.

Libby comprimiu os lábios enquanto lutava para controlar a fúria.

– E então... então e eu?

Sarah afundou-se numa cadeira, sentindo que os joelhos lhe falhavam.

– Não se preocupe, já perguntei. O seu contrato vai ser renovado.

– Não acredito nisto!

– Não acredita?

Libby ficou sem palavras, atirando naquele momento o que restava nas gavetas para um saco grande que tinha à mão.

– O que vai fazer?

– Fazer? – repetiu Libby, embora a pergunta fosse retórica. – Que mais há a fazer? Arranjar outro emprego. Serei contratada por outro escritório antes de sair deste edifício. Foi o que disse ao Hershel, e acredito nisso. Os da Jeff Goldstein andam atrás de mim há anos.

Não era exagero. Jeff tinha entrado em contacto com ela duas ou três vezes desde que começara a trabalhar na Burkhart, Smith & Crandall, para sondar se ela estava satisfeita com o trabalho. Era a primeira pessoa a quem ligaria. Já começava a formar na sua cabeça uma lista de potenciais empregadores. Muitos escritórios de advogados considerar-se-iam afortunados se a pudessem contratar.

Bateu com a última gaveta, pegou na pasta e atirou para cima da secretária os documentos em que tinha trabalhado várias horas em casa, na noite anterior. A seguir, pegou no saco com os seus objetos pessoais e pô-lo ao ombro.

– Libby – disse Sarah, indicando o segurança com o olhar.

Francamente, toda a pressa era pouca.

– Acho que não aguento aqui nem mais um minuto.

Hershel oferecera-lhe um conselho paternal, dando a impressão de ser tão justo e superior... tão condescendente. Bem, respondera-lhe à altura. Ele iria lamentar este dia. Cometera um grande erro e não tardaria a percebê-lo. Ao longo da vida, Libby enfrentara desafio sobre desafio e superara-se sempre. Desta vez não seria diferente.

Se a morte da mãe lhe ensinara alguma coisa, era que deveria fazer o que fosse preciso para ultrapassar as contrariedades. Perdera-a muito jovem e passara por um divórcio. Sobreviveria a isto também, tal como a tudo o resto.

Forçou-se a sorrir, engoliu em seco e olhou para Sarah.

– Vá dando notícias.

– Claro que sim – prometeu a assistente. – Avisa-me quando arranjar emprego?

– Naturalmente.

Quando se empregasse outra vez, pediria a Sarah para se juntar a ela. Formavam uma boa equipa. Trabalharam juntas tantos anos que eram como uma dupla de atletas, mantendo o passo acertado, intuindo as necessidades e expectativas uma da outra. Da última vez que falara com Jeff, Libby tinha insistido na ideia de que, se alguma vez fosse para o escritório dele, teriam de contratar Sarah também. Ele garantira-lhe que isso não seria problema.

Sem olhar para trás, Libby saiu do escritório. Sentiu-se observada por alguns colegas, mas decidiu ignorá-los. À porta do seu gabinete, Ben Holmes começou a dizer qualquer coisa, mas, perante um olhar fulminante de Libby, mudou de ideias. Ainda bem. Não gostaria de ouvir o que ela tinha para lhe dizer.

Mesmo antes de chegar ao elevador, já levava o telemóvel na mão. Depois de uma breve chamada para o serviço de informações, entrou em contacto com a Goldstein & Goldstein.

– Queria falar com Jeff Goldstein, por favor – disse à rececionista. – Diga-lhe que é Libby Morgan.

Passaram imediatamente a chamada.

– Libby, como está?

– Estou ótima. – Foi direta ao assunto. – Ligou-me há uns meses a perguntar se eu estava satisfeita com o meu lugar, está recordado?

– Sim, claro. Mas isso foi há um ano e meio.

– Há tanto tempo? – Passara a correr. – Neste momento, estou disponível para integrar a Goldstein & Goldstein.

– A sério? – A voz dele oscilou ligeiramente. – Como lhe disse, isso foi há mais de um ano. Desde então, tivemos uma quebra

significativa de atividade. Quase toda a gente teve. Não estamos a contratar associados.

A notícia desanimou-a, mas Libby não deu parte de fraca.

– Não há problema, Jeff – respondeu, continuando a andar a um ritmo cadenciado. Estava agora fora do edifício e misturava-se com a confusão das ruas de Seattle, num passo brusco e determinado. O céu escuro e nublado de março refletia bem o seu estado de espírito. Começaria a chover a qualquer momento.

– Com o seu percurso, tenho a certeza de que não terá dificuldade em encontrar trabalho – continuou Jeff.

– Penso que não – confirmou, assegurando-se de que a sua voz transmitia confiança. – Quis dar-lhe a notícia em primeira mão, já que mostrou interesse anteriormente.

– Agradeço-lhe o gesto. Se surgir alguma coisa, é a primeira pessoa a quem ligo.

– Ótimo. Agradeço a sua disponibilidade – rematou Libby.

– Sem problema. Mantenha-se em contacto.

– Sim – respondeu, abreviando o discurso, na pressa de terminar a chamada.

Lamentou ter telefonado a Jeff num impulso. Deveria ter pensado melhor no que dizer, em vez de agir emocionalmente e irritada. Mesmo agora, ainda estava a deitar fumo, aprisionada entre a incredulidade e a indignação.

A caminhada até ao prédio onde vivia demorou quinze minutos. Morava numa rua movimentada e segura o suficiente a ponto de lhe permitir andar por ali a pé muito cedo de manhã e bastante tarde à noite. Esperou que tal continuasse a acontecer, quando estivesse noutra escritório.

Mudando o saco de um ombro para o outro, para equilibrar o peso que sentia nas costas, Libby tentava manter a compostura ao atravessar a porta do prédio. Estava tão segura de que agora é que era, tão confiante de que o seu trabalho empenhado e os sacrifícios que fizera seriam finalmente reconhecidos. Ser despedida era inacreditável.

Só agora começava a cair em si.

Libby sempre tivera vocação para o sucesso. Na escola secundária

fora distinguida como melhor aluna e esteve sempre entre os dez melhores classificados no curso de Direito. Tinha trabalhado muito para obter esses resultados. Trabalhava muito para tudo.

Impaciente, Libby deu três voltas à sala, a cabeça a mil à hora. O céu ficara ainda mais escuro e uma chuva leve batia nas janelas, desenhando um rasto molhado e curvo nos vidros. Era março no Pacific Northwest.

Libby precisava de pensar. Prioridades: atualizar o *curriculum vitae*.

Ligou a máquina de café, preparou uma chávena e levou-a para o escritório. Pousou-a sobre uma base e olhou para a fotografia da mãe, no canto da secretária. Ela parecia encará-la diretamente.

«Eu sei, mãe. Não te preocupes. Isto é temporário. Nem tudo está perdido.»

Foi nessa altura que reparou numa planta ao lado da moldura onde tinha a fotografia da mãe. Nem sequer sabia que tipo de planta era, mas, fosse como fosse, estava castanha e engelhada. Tinha murchado por negligência.